

HISTÓRIA DA LEITURA, PRODUÇÕES DE SI: AS PRÁTICAS DE LEITURAS DE OSVALDO CHAVES

Edinailson Passos dos Santos¹

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19980779>

RESUMO

Este trabalho reflete sobre uma história das práticas de leitura na cidade de Granja, interior do Ceará, focando especificamente as memórias de leitura, na infância e juventude, do padre-poeta Osvaldo Chaves (1923-2020). Usa-se para isso os relatos autobiográficos do intelectual, em entrevistas e escritos de *si*, que reconstituem experiências sociais e culturais naquele meio sertanejo, entre as décadas de 1930 a 1940. Para tanto, utiliza-se de aportes teórico-metodológicos sobre espaço biográfico e sobre a história da leitura e do livro.

Palavras-chave: História da leitura. Produção de si. Osvaldo Chaves.

ABSTRACT

This work reflects on the history of reading practices in the town of Granja, in the interior of Ceará, focusing specifically on the childhood and youth reading memories of the priest-poet Osvaldo Chaves (1923–2020). It draws on the autobiographical accounts of this intellectual, through interviews and self-writings, which reconstruct the social and cultural experiences of that rural setting during the 1930s and 1940s. To this end, the study employs theoretical and methodological contributions related to biographical space and the history of books and reading.

Keywords: History of reading. Self-production. Osvaldo Chaves.

INTRODUÇÃO

A leitura tem uma história. Embora complexo, é perfeitamente viável historiar as práticas de leituras, sobretudo, vinculando-as aos pressupostos da história cultural. Uma das abordagens possíveis é investigar os meios e modos de ler dos indivíduos ao longo do tempo, explorando vestígios que remontam experiências e se concentram em suas circunstâncias. Posto ser impraticável recuperar uma visão completa da grande massa, Robert Darnton sugere que, pelo menos, “os historiadores deveriam ser capazes de captar algo do que a leitura significava para as poucas pessoas que dela deixaram um registro” (1992, p. 224). Sendo os relatos autobiográficos importantes acessos para se compreender “como” a leitura era realizada no passado.

Neste trabalho, a intenção se concentra nas experiências de leitura do menino e adolescente Osvaldo Chaves, no município de Granja, Ceará, entre as décadas de 1930 e 1940. Por consequência, também se pretende perceber outras experiências comuns no mesmo sertão norte-cearense, o acesso ao livro e os modos de ler naquela sociedade. Utilizando como procedimento metodológico o estudo das

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades da UECE (PPGHCE), graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, com especialização em Museografia e Patrimônio Cultural.

memórias da juventude em rastros autorreferenciais, como uma linha da sua vida, feita pelo próprio pesquisado, e suas entrevistas concedidas a Joan Oliveira, nos anos de 2004 e 2005, transcritas na dissertação de mestrado do entrevistador e, posteriormente, transmutada em livro (Oliveira, 2009).

Oswaldo Carneiro Chaves foi um padre, poeta e professor cearense, nascido em 21 de outubro de 1923. Filho de criadores e agricultores sertanejos, passou toda sua infância na zona rural do município de Granja, onde nasceu. Em 1940, entrou no seminário católico para se tornar clérigo e iniciou sua trajetória como homem público, que se deu, em grande parte, na cidade de Sobral-CE. Em 1985, como o próprio fala, “resolve permitir a publicação de suas produções poéticas em livro intitulado ‘Exíguas’.” (Chaves, 1986, p. 25). Sua intelectualidade e talento foram reconhecidos ainda em vida por seus pares, que o concederam prêmios, títulos e produziram trabalhos sobre sua vida e obra. Morreu em 2020, deixando sua amplamente estudada obra poética, uma considerada biblioteca e a fama de ser um ávido leitor.

Oswaldo Chaves fazia questão de pontuar, fosse em subsídios autobiográficos, fosse em entrevistas, a importância que dava à leitura, especialmente à leitura dos cânones e clássicos da literatura universal. Na ocasião da publicação de seu livro, o poeta elaborou um texto intitulado “Dados biográficos do autor” (Chaves, 1986, p. 23-25), em que, por mais de uma vez, colocou a leitura de obras literárias como fato determinante em sua trajetória, que incluía desde ler Cassiano Ricardo, em 1945, até a releitura dos clássicos latinos, em 1984, como Virgílio, Horácio, Ovídio e Cícero. Essas leituras, nas efemérides autobiográficas, ocupam o mesmo espaço de importância de outros eventos, como sua entrada no seminário, conclusão de curso superior, ingresso no magistério e aposentadoria.

Vendo dessa forma, pode-se perceber que as *produções de si*, como define Angela de Castro Gomes (2004), são neste trabalho outro desafio, que requer metodologia e preocupação à parte. Essas memórias de leitura, que aqui serão apresentadas, ocorreram muito tempo depois do ato em si, foram elaboradas por um intelectual com plena convicção de que elas viriam a público e portanto carregam performances e intencionalidades que não podem ser ignoradas. Afinal, “através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado” (Gomes, 2004, p. 11).

Mesmo com um rico registro de leituras na fase adulta, este trabalho se interessa, a pretexto de recorte espacial, pelas leituras realizadas por ele em seu município natal, do início da alfabetização até sua ida ao seminário, quando se mudou para Sobral. Assim, o artigo se divide em dois: num primeiro momento, para falar sobre o contato inicial do menino Oswaldo com a leitura, sua alfabetização e aquisição dos primeiros livros; em outro momento, parte para a observação sobre o início de sua “autonomia” como leitor, observando no artigo o uso que o velho Oswaldo Chaves fazia dos relatos confessionais para criar sua imagem.

PRIMEIROS CONTATOS COM A LEITURA

A vida de leitor de Osvaldo Chaves começou no sítio Alegre, no distrito granjense de Sambaíba. Aos seis anos teve contato com o alfabeto e, por intermédio de sua mãe, começou a soletrar a “Carta do ABC”, lembrada por ele como “[...] um folheto, terminando com frases de conteúdo moral, filosófico, como: a preguiça é a chave da pobreza” (Chaves, 2004 apud Oliveira, 2009, p. 40).

Após esse primeiro contato, o processo de alfabetização de Chaves, e conseqüentemente suas primeiras leituras, deu-se por um mecanismo comum no interior do país naquele período: o serviço de professores itinerantes. Dada a escassez de escolas e falta de regulamentação do ensino, esses profissionais eram contratados por um curto período, hospedando-se na residência da família para ensinar os filhos da casa, os vizinhos ou até mesmo a comunidade local, dependendo da demanda.

Com seis anos, meu pai trouxe uma professora da Granja, passou um mês conosco e me alfabetizou. Era uma coisa comum nesse tempo, a pessoa contratava tantos meses, e era suficiente pra gente se alfabetizar, bastava um mês. [...]. Em um mês eu li o primeiro livro de Felisberto de Carvalho. A pá, o dedo, o papa baba, parece que ele era anticlerical, e botava o papa pra babar [risos] (Chaves, 2004 apud Oliveira, 2009, p. 40).

Logo, o contato inicial com o objeto livro se fez para leituras escolares, apresentado por sua professora particular, Zelinda Beviláqua, com a finalidade de apreensão da leitura. Ao contrário das recordações de outros intelectuais em suas memórias e autobiografias, o encontro de Osvaldo Chaves com o livro não se deu de forma fantástica ou romantizada, com um volume em cima da mesa do escritório do pai, nas estantes da sala ou na biblioteca particular familiar, as condições financeiras e a dificuldade de acesso ao livro pelos Carneiro Chaves não permitia cenas tão perfeitamente burguesas. Na lembrança, as leituras do menino Osvaldo eram sempre direcionadas, o encontro com os livros era dado por um intermediador com intenções pedagógicas.

O segundo livro era de João Köpke, mestre em sala de aula de Tristão de Ataíde, depois eu soube disso, fiquei orgulhoso, já que eu não fui aluno de João Köpke, mas estudei no livro dele, o segundo e o terceiro ano, *Leituras Morais e Instrutivas* (Chaves, 2004 apud Oliveira, 2009, p. 40).

Apesar de não estudar no ensino regular, suas mestras seguiram uma seqüência formal na sua educação, alfabetizando-o com livros de leitura em séries graduadas. Essas obras eram populares em todo o país, e de razoável acesso, suas primeiras edições datam ainda do final do século XIX. Logo, pode-se dizer que Osvaldo se iniciou na literatura com as primeiras produções escritas direcionadas

para crianças no Brasil, ou, como disse Nelly Coelho, “[...] a primeira tentativa de realização de uma literatura infantil brasileira, mostrando que os conceitos “literatura” e “educação” andaram sempre essencialmente ligados.” (Coelho, 2010, p. 223).

O menino começou com o *Primeiro livro de leitura* de Felisberto Carvalho, cuja coleção seriada chegava ao quinto volume, editada a partir de 1890. Em seguida, a professora não prosseguiu com a série do mesmo autor, avançando para a segunda etapa da alfabetização com o livro de João Köpke, *Segundo Livro de Leituras Morais e Instrutivas*, série iniciada em 1895. Duas coleções muito importantes e abrangentes em todo o território brasileiro, que sobreviveram no mercado editorial e foram leituras do público infantil até a década de 1960.

Essas obras pioneiras, pertencem a um conjunto de outros títulos de *leituras escolares*, que pelos rincões brasileiros tiveram seus valores reverberados, como nacionalismo, intelectualismo, tradicionalismo cultural, moralismo e religiosidade (Coelho, 2010, p. 223-224). Valores que Osvaldo Chaves, de certa maneira, apreendeu, conservou e cultivou por toda sua trajetória intelectual.

Após aquele início, em maio de 1930, o processo de alfabetização do menino passou por um hiato, retomando em junho de 1933, com outra mestra, Dulcinéia Carvalho de Menezes. A professora se alinhou ao trabalho de sua antecessora, continuando a sequência pedagógica com o *Terceiro Livro de Leituras Morais e Instrutivas* de João Köpke e apresentou ao estudante o seu primeiro romance:

Aí eu li, era moda naquele tempo, todo mundo tinha que passar por aquela tradução de João Ribeiro, que era o *Coração*, de Edmondo de Amicis. Era daquele tempo da unificação da Itália, Victor Emanuel, Cavour, Garibaldi, eram os heróis da gente. Tinha esse defeito, mas muito bem escrito, o título foi muito bem aplicado, o *Coração* (Chaves, 2004 apud Oliveira, 2009, p. 42).

Como bem lembrou o padre-poeta, *Coração* foi um livro popular em todo o país, um sucesso editorial. Publicada desde 1891, a obra foi sistematicamente reeditada, até 1968, quando chegou ao número 53 de edições. Em Granja, o título era indicado, pelo menos, desde o começo daquele século em colégios da cidade, como relembra outro granjense, Lívio Xavier, em suas memórias (Xavier, 1974, p. 61).

Sendo um romance de formação, *Coração* procura, a partir de sua história sentimental, educar e moldar o leitor. E assim como as leituras anteriores, aquele livro fora apresentado ao menino para ensinar, sendo uma de suas principais lições, o fortalecimento do espírito nacionalista. É claro que, ao fazer seu relato, Osvaldo, como educador por muitos anos, apaixonado e estudioso da literatura, entendia o processo instrutivo pelo qual passou na infância e não só aparentava concordar como se filiar àquela interferência. Tanto que a presença de uma das edições do livro em sua biblioteca particular demonstra o quão satisfeito o sacerdote era de ter feito aquela leitura e, portanto, os valores nela contido resistiam no Osvaldo ancião: “ainda hoje, quando eu leio o *Cuore*, eu tenho que ler com o

lenço na mão. É lacrimogêneo. Não é a saudade, não, é porque mexe com o coração da gente.” (Chaves, 2009, p. 42).

Retomando ao processo educativo do menino Osvaldo, ele voltaria a ter aula novamente em novembro de 1935², agora com um professor, Herminio Lopes Freire, que também ficou um mês em sua casa. Por seu intermédio, leu *A Geografia da Criança*, de Renato Jardim, que posteriormente seu pai lhe compraria um exemplar. Aliás, o pai é lembrado sempre como um importante intermediário e incentivador de leituras. No mesmo ano, 1935, Osvaldo começou a trabalhar na bodega do pai e ganhou dele o *Dicionário Prático Ilustrado*, de Jaime de Séguier. Para além dos títulos marcantes, na memória, o pai estimulava as várias práticas de leitura:

Meus pais sabiam ler e escrever. Liam uma carta e escreviam outra, era assim o diploma deles. Ler uma carta e escrever outra. Era o mestrado dele, pronto, estava alfabetizado. E tinham que treinar porque havia compêndios de manuscritos pra você adivinhar muitas letras, tipos de letras, era uma verdadeira adivinhação. Meu pai me submeteu a isto, comprou um pra mim. *Tai, pra você ler a carta dos outros, nem todo mundo escreve do mesmo jeito.* (Chaves, 2004 apud Oliveira, 2009, p. 43).

Aqui se percebe o acesso a um certo capital cultural (Bourdieu, 1998), presente já no gesto da sua mãe, com a Carta do ABC, e os presentes e incentivos do pai. Embora fossem sertanejos pobres e de pouca instrução, ainda assim, os genitores de Osvaldo se distinguiram naquele meio, no começo do século XX, onde a grande parcela da população era analfabeta e pouco afeita aos efeitos da leitura e escolarização.

LEITURAS ESCOLHIDAS

As entrevistas de Chaves remetem, embora em pequenos lapsos, ao espaço de leitura. Esse “onde” da leitura é um elemento muito importante para a pesquisa, “pois a colocação do leitor em seu ambiente pode dar sugestões sobre a natureza de sua experiência” (Darnton, 1992, p. 213), de modo que há preciosas informações de suas leituras na mercearia de seu pai:

Ajudava o meu pai lá no comércio dele. Ele me vendo com um livro não me chamava para ajudar. Às vezes tinha muito freguês na mercearia dele, eu já lhe disse, era uma espécie de supermercado, tinha tudo lá. Ele me vendo com um livro na mão, dizia: *Não, você está estudando aí, fique aí com o seu livro, o tempo é ouro pra isto.* (Chaves, 2004 apud Oliveira 2009, p. 43).

Com o fim das temporadas de professores em sua casa, completando o seu processo de alfabetização, a última metade da década de 1930 é marcada pela leitura de dicionários. Em “Dados

² Segundo informações encontradas no manuscrito de “Dados biográficos”, Acervo Secretaria de Cultura da Granja.

biográficos do autor”, Osvaldo escreveu que o dicionário ganhado pelo pai foi “obra que passa mais a ler do que simplesmente a consultar, e com grande interesse” (1986, p. 23), já no manuscrito para o mesmo texto, mas não publicado, ele destaca que no ano de 1936, “lê dicionário com verdadeiro interesse e curiosidade de quem lesse romance ou poesia”. Tanto o trecho publicado quanto o excluído, o dicionário aparece como uma espécie de autonomia do sujeito-leitor, instituindo o seu autodidatismo: “eu fiquei habituado ao livro, como autodidata. Era leitor de dicionário, o dicionário era a minha escola.” (Chaves, 2004 apud Oliveira, 2009, p. 43). É preciso salientar que o hábito de ler dicionário também partia da escassez de títulos, a predileção ao dicionário vinha da afeição ao único objeto de (re)leitura que se podia recorrer sempre que houvesse a necessidade.

Esses esforços, de rememorar as leituras de dicionários e sua insistência em se afirmar como autodidata, tinha uma forte relação com a imagem que ele possuía de si no momento da entrevista. Para Leonor Arfuch as cenas de leitura nos relatos autobiográficos se tornam fábula identitária:

Identidade pessoal, sentido transcendente da vida, impacto emocional ou estético, identificação com uma tradição ou cultura, adesão às vibrações de um tempo histórico, todo um leque de possibilidades interpretativas que constituem o “cumprimento” de um destino individual. (2010, p. 225)

A afirmação de que o dicionário foi sua escola era um componente da individualidade do velho Osvaldo, professor aposentado, que fazia livremente sua crítica ao sistema educacional. Em outro trecho não publicado do manuscrito de *Exíguas*, o autor descreveu sua primeira experiência com a escola institucional:

1937 – Julho, agosto e setembro. Hospedado em casa de Ângelo Nóbrega, na Granja, perde três meses em escola pública onde por pouco não ia contraindo a lepra da malandragem escolar. Salvou-se, graças a Deus. Lê sempre dicionário.³

Uma crítica contumaz as normas do ensino regulamentado, que em subtexto relaciona sua formação intelectual às próprias escolhas de leituras, não a um sistema institucionalizado.

Nesse sentido, o autodidata testemunha não somente a possibilidade de aprender a ler, o sentido mais pleno do termo, mas também a necessidade de contar essa aprendizagem para dar-lhe a sua verdadeira dimensão, a de uma vitória contra a inércia das posições culturais, e, desse modo, torná-la irrevogável. (Hebrard, 1996, p. 39)

Ainda sobre o ano de 1937, ele incluiu, aos fatos marcantes de sua biografia, a leitura de *Brasil, Minha Terra!*, de Mário Sette, mas não deixou explícito se era uma leitura escolhida ou indicada na sua malsucedida experiência escolar. Em outro trecho do manuscrito, para o ano seguinte,

³ Manuscrito de *Exíguas*, Acervo Secretaria de Cultura de Granja.

colocou: “1938 – Estudou sozinho no Alegre. Lê “Vida Prática”, livro de lições de coisas; e lê muito literatura de cordel. [...]”, essas sim, leituras consideradas de seu gosto, embora esses livros citados fossem largamente indicados para a instrução, leituras influenciadas por mestres escolares como os que ele teve.

A escolarização institucional só veio em 1939, aos quinze anos de idade.

Abriram um colégio na Granja, Ginásio Lívio Barreto. Pois bem, esse colégio, Ginásio Lívio Barreto, durou dez meses. O meu pai me colocou lá. Como era tempo de trabalho pesado no interior, no comércio dele, eu fiquei interno, tinha um internato para alunos de fora, do interior. Foi lá que eu tive a minha escolarização sistematizada, aprendendo essas coisas inúteis que me ensinaram, coisas inúteis: análise sintática, análise léxica, naquele tempo a gente chamava análise léxica, essas coisas assim. Mas também me ensinaram muita coisa boa, sobre cálculo, problemas de fração, somar, dividir, multiplicar. Fiquei lá dez meses, enquanto o colégio durou. (Chaves, 2004 apud Oliveira, 2009, p. 43- 44).

Em *Exíguas*, o autor diz que o epônimo do ginásio, *Lívio Barreto*, lhe despertou o gosto pela escrita poética. Esse era, de certa forma, o espírito que pairava na cidade de Granja no início do século XX, ainda vivendo sob o impacto da participação de granjenses na Padaria Espiritual (1892-1897), da qual o mais famoso foi o poeta simbolista Lívio Barreto (1870-1895). Mas, apesar da celebração em torno da memória do simbolista, não é possível aferir como se tinha acesso à sua obra naquele período em Granja, uma vez que seu único livro, *Dolentes* (1897), era uma edição de poucos exemplares, e já rara desde o lançamento, impossibilitando esclarecer como Osvaldo a lia. O correto é afirmar que Osvaldo Chaves, ao nomear Lívio Barreto seu patrono, utiliza-o como um marcador, posto que “as leituras definem o próprio lugar, real ou fantasiado, a trama genealógica em que o entrevistado quer se situar, sua valoração da literatura [...]” (Arfuch, 2010, p. 225).

Assim, manifestando suas predileções de leitura e se inclinando à poesia como preferência autoral, entrou no Seminário São José de Sobral, em 1940. Naquela instituição, com ensinamentos de línguas e uma biblioteca, o mundo da leitura se expandiu completamente para o adolescente de 17 anos, e embora houvesse restrições - era proibido ler romances na maioria dos dias da semana - o leque de oportunidades e variedade de leituras aumentou exponencialmente, “[...] o seminarista lia o que conseguia, nas bibliotecas particulares e públicas da Granja e do Sobral, na biblioteca de Dom José, na biblioteca do seminário, em outras bibliotecas de clubes em Sobral” (Oliveira, p. 62).

Ainda que Granja seja o recorte geográfico deste trabalho, é necessário ampliar a análise até a chegada de Osvaldo Chaves ao Seminário em Sobral, posto que isso contribuiu para sua formação enquanto leitor polivalente, contemplando uma variedade de leituras que, por sua vez, influenciou a experiência de leitor na cidade natal.

Um exemplo são as reminiscências sobre o acesso aos livros em Granja, lembrando ele que “tinha uma biblioteca municipal até rica, boa, nos anos quarenta. Era boa, com livros bons” (Chaves,

2004 apud Oliveira, 2009, p. 63). Esse equipamento seria a Biblioteca Municipal Getúlio Vargas⁴, cuja instalação coincide com a adolescência do seminarista, que pegava de empréstimos livros e os levava ao sítio *Alegre*, durante as férias. Lembranças recuperadas que demonstram a interação com aquele espaço de leitura, bem como o consumo: “a biblioteca municipal tinha bastantes livros, e eu chegava a ler nas férias trinta livros, nas férias de dezembro. Porque eu ficava no sertão, só vinha à missa aos domingos, a cavalo.” (Chaves, 2005 apud Oliveira 2009, p. 63).

Outro episódio, consequência do aprimoramento instrutivo no seminário e que acabou interferindo na sua experiência de leitura em Granja, foi sua primeira aventura lendo em outro idioma. Possibilitada pelas aulas de francês, o jovem seminarista teve uma experiência que considerou divina: “o primeiro livro de literatura internacional que eu li foi um encanto pra mim. Acostumado com os nossos escritores, coisinhas leves, *Eugênia Grandet* foi um encanto pra mim, um assombro. É tanto que eu classifiquei Balzac de divino” (Chaves, 2004 apud Oliveira, 2009, p. 63). Esse contato com o Balzac no original ocorreu em Granja por meio de um empréstimo, e embora o ancião não tenha relembrado (ou revelado) com quem se deu a concessão do volume, na mesma fala, num lapso de memória, diz que mantinha o costume de pedir livros à família Xavier:

Balzac eu pedi emprestado na Granja, pessoas que tinham... tinha famílias de intelectuais, hoje não tem mais. Livros em português, poucas pessoas liam francês. Na Granja mesmo, os Xavier, a família Xavier Barreto, do Lívio Barreto, uma família de intelectuais, eles liam francês, inglês. (Chaves, 2004 apud Oliveira, 2009, p. 63)

Essa informação, de empréstimos e acesso à biblioteca particular dos Xavier, é um caminho para se perceber práticas de leituras feitas por outros granjenses e, até mesmo, reconhecer a interseccionalidade desses leitores, bem como suas diferenças. A experiência de leitura do menino Osvaldo contrastava fortemente as experiências das crianças da família Xavier, amparadas por uma variedade de livros à disposição. Além da coleção já formada em casa, aquela família conseguiu driblar as dificuldades de acesso ao livro na pequena cidade do começo do século XX, utilizando redes de sociabilidade e mercantil da casa comercial do patriarca.

Fora a variedade de títulos e materiais, os Xavier, como o próprio padre lembrou, não se limitavam em ler apenas no português, seus membros mais jovens sabiam, no mínimo, mais um idioma, entre inglês, francês e italiano, e a biblioteca, por pressuposto, acompanhava suas habilidades leitoras, como as obras de Balzac no original, possivelmente emprestada ao seminarista.

Não se sabe o quão de acesso tinha o jovem Osvaldo àquela biblioteca, mas o que se destaca é o encontro de dois universos da leitura e acesso ao livro completamente diferentes no mesmo período e espaço geográfico, que de maneiras diversas mudou as experiências daqueles agentes. Enquanto o

⁴ A Biblioteca Getúlio Vargas formava um complexo, junto com outros equipamentos, com o mesmo nome do político, fundados todos na década de 1940, na gestão do prefeito Francisco Gonzaga de Sousa.

menino pobre se habituou a ler dicionários, por escassez de material, perto dele outros jovens tinham acesso livremente a uma diversidade de títulos e podiam explorar outras questões, na mesma Granja do começo do século XX.

Pontua-se que Balzac, ao mesmo tempo que representou uma expansão do seu acesso à literatura, também foi motivo de uma censura, senão a primeira, ao menos a mais impactante em sua memória. O bispo-conde de Sobral, D. José Tupinambá da Frota, fundador do seminário e seu padrinho de formação intelectual, tinha o costume de perguntar a ele sobre suas leituras de férias. Em uma dessas ocasiões, o entusiasmado e ingênuo rapaz, respondeu-lhe: *Eugênia Grandet*, de Balzac, mal sabendo o efeito que aquela resposta causaria:

E ele insistiu muito, perguntando se eu tinha gostado, e eu disse: *Gostei muito. Para mim, Balzac, como escritor, é divino* [risos]. Aí ele se levantou e disse: *Vou lhe mostrar o seu divino*. Tirou um livro, *Index Librorum Prohibitorum*... E Balzac estava inteirinho lá. [...] Todos os romances, em latim de igreja, romance é *fabula amatoriae*, história de amor... *Omnes fabulae amatoriae damnatae*. Condenadas. *Não precisa ler para ficar excomungado*, ele dizendo, *basta passar um mês, trinta dias, à meia-noite do trigésimo dia você está excomungado, com o livro em casa*. [risos] Basta ter o livro em casa. (Chaves, 2004 apud Oliveira, 2009, p. 60)

Como lembra Jean Hébrard (1996), aprender a ler e ler bem pode ser desconfortável para o autodidata, até mesmo perigoso. Ao contemplar um autor condenado no *Index* da Igreja Católica⁵, o jovem seminarista ficou a um passo da excomunhão. Porém, aparentemente, a censura do aristocrático bispo não intimidou o rapaz do interior, que se manteve determinado em desbravar o mundo da cultura letrada por sua própria conta em risco. Anos depois, o velho Osvaldo ria ao relatar o episódio, passando a impressão de não ter sido tão grave a ameaça do seu superior eclesiástico.

Talvez o que o manteve firme em sua escalonada literária tenha sido a liberdade que dispunha nos meios familiar e social granjense, onde ninguém se importa ou conseguia interferir no conteúdo de suas leituras. Como ponto de distinção, Chaves acabou adotando a prática como um gosto pessoal em sua trajetória, e, assim, pretextar que muitos dos seus valores e ensinamentos, adquiridos com leituras na infância e juventude, não só seguiram com o sábio ancião como explicam o intelectual Osvaldo Chaves.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, constatou-se a possibilidade de extrair dos relatos autobiográficos de Osvaldo Chaves sua valorização ao autodidatismo, que se enreda nas memórias sobre leituras como prática emancipatória. Tomando de empréstimo o que disse Robert Darnton: “se pudéssemos compreender

⁵ Índice dos Livros Proibidos considerados perigosos para a fé e a moral dos católicos.

como ele tem lido, poderíamos nos aproximar de um entendimento de como ele compreende a vida” (1992, p. 234), fazendo com que, nesta análise, as memórias de leituras se tornem evocações de opiniões e autodefesa de sua imagem enquanto intelectual.

Falando de si, o padre-poeta acabou revelando outras experiências de leituras sobre o grupo que pertenceu. Assim, é possível abrir portas para uma compreensão de como a leitura era praticada e ensinada no interior do país, em específico, no começo do século XX. Bem como se davam acesso aos livros, às bibliotecas, às tipologias de materiais e títulos naquele meio social, as intersecções de grupos de leitores e até mesmo a valorização e censura de obras.

Por fim, provoca-se aqui atenção para um rico material a ser explorado sobre as produções de *si*, que não se esgota, tanto para se conhecer idiosincrasias individuais como para se aproximar de aspectos culturais e sociais. Da mesma maneira que ainda há muita contribuição para o debate intelectual do papel do livro, dos impressos e da leitura nas trajetórias individuais e processos históricos.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. NOGUEIRA, A. M e CATANI, A. (Orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHAVES, Osvaldo. Entrevista realizada com o padre Osvaldo Chaves em Sobral. [Entrevista cedida a] Joan Edesson de Oliveira. OLIVEIRA, Joan E. **Nem um dia sem uma linha**: a oficina de trabalho do padre Osvaldo Carneiro Chaves. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo. Bauruei, SP: Manole, 2010.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: EdUNESP, 1992. p. 199-236.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In.: GOMES, Angela de Castro. (org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas da leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 35 - 74.

OLIVEIRA, Joan E. **Nem um dia sem uma linha**: a oficina de trabalho do padre Osvaldo Carneiro Chaves. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

XAVIER, Lívio. **Infância na Granja**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1974.